

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIFERENCIANDO MENINOS E MENINAS A PARTIR DA SIGNIFICAÇÃO DE MARCADORES EXTERNOS

*GENDER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: DIFFERENTIATING BOYS
AND GIRLS BASED ON THE MEANING OF EXTERNAL MARKERS*

*EL GÉNERO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: DIFERENCIANDO NIÑOS Y
NIÑAS A PARTIR DE LA SIGNIFICACIÓN DE MARCADORES EXTERNOS*

Juliana Lopes Garcia

Mestre em Educação pela UEL.

Carlos Toscano

Doutor em Educação pela UNIMEP. Docente do Programa de Mestrado
em Educação da UEL.

Programa de Mestrado em Educação
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Londrina – PR – Brasil

Endereço:
Rod. Celso Garcia Cid, km 380
Campus Universitário -Departamento de Educação
Londrina - PR
CEP: 86051-980

E-mails:

jusly_lopes@yahoo.com.br
ctoscano@uel.br

RESUMO: Neste trabalho apresenta-se e discute-se parte dos dados obtidos em uma pesquisa cujo objetivo foi investigar como emergem e como se caracterizam as questões relacionadas a gênero produzidas pelas crianças, nas suas interações ocorridas em sala de aula a partir de atividades livres propostas pela professora da turma. Apoiados na perspectiva histórico-cultural de Vigotski e nos estudos de Bakhtin e Voloshinov sobre a linguagem, concebe-se que os significados construídos sobre gênero são internalizados a partir das relações sociais mediadas por signos ideológicos. A pesquisa foi realizada em uma turma de Educação Infantil, pertencente à rede pública da cidade de Londrina/PR. Foram participantes dessa pesquisa vinte crianças de quatro anos. A metodologia envolveu quatorze observações e filmagens realizadas no cotidiano escolar, incluída a sala de aula, no período da tarde, e a produção de um diário de campo feito pela pesquisadora ao final de cada dia. Foram selecionadas para esse trabalho as análises de três situações. Dentre

os resultados obtidos, destacam-se: as questões de gênero emergem na educação infantil, no cotidiano da sala de aula, na relação entre as crianças mesmo sem um planejamento prévio; as crianças fazem distinção de gênero a partir da significação de marcadores externos.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Significações.

ABSTRACT: This work presents and discusses the data obtained in a survey to investigate the emergence and characterization of questions about gender produced by children in their interactions in the classroom, based on free activities proposed by the classroom teacher. Supported by the cultural-historical perspective of Vygotsky, and the studies of Bakhtin and Voloshinov on language, it is understood that the meanings constructed about gender are internalized based on the social relations mediated by ideological signs. The research was carried out in a kindergarten class of a public school in the city of Londrina/PR. Twenty children aged four years took part in this study. The methodology involved fourteen observations, and video recordings made during the school routine, including in the classroom, with the production of a field diary by the researcher at the end of each day. Analyses of three situations were selected for this work. The results were as follows: gender issues emerge in early childhood education, in the day-to-day routines of the classroom, and in the relationships between children, even without any prior planning; the children distinguish between gender based on the significance of external markers.

Keywords: Education. Gender. Meanings.

RESUMEN: En este trabajo se presentan y se discuten parte de los datos obtenidos en un estudio cuyo objetivo fue investigar cómo emergen y cómo se caracterizan las cuestiones relacionadas al género producidas por los niños en sus interacciones en el aula a partir de actividades libres propuestas por la maestra de la clase. Apoyados en la perspectiva histórico cultural de Vigotski y en los estudios de Bakhtin y Voloshinov sobre el lenguaje, se concibe que los significados construidos sobre género son internalizados a partir de las relaciones sociales mediadas por signos ideológicos. La investigación fue realizada en una clase de Educación Infantil perteneciente a la red pública de la ciudad de Londrina/PR. Participaron en esta investigación veinte niños de cuatro años. La metodología involucró catorce observaciones y filmaciones realizadas en el quehacer cotidiano escolar, incluida el aula, en el horario de la tarde, y la producción de un diario de campo elaborado por la investigadora al final de cada día. Fueron seleccionados para este trabajo los análisis de tres situaciones. Entre los resultados obtenidos se destacan las cuestiones de género que emergen en la educación infantil, en el contexto cotidiano del aula, en la relación entre los niños aun sin un planeamiento previo; los niños hacen distinción de género a partir de la significación de marcadores externos.

Palabras clave: Educación. Género. Significaciones.

INTRODUÇÃO

Nas relações que estabelece, a criança percebe que as diferenças entre meninos e meninas vão além da questão física e, em seu contexto social, vai aprendendo normas que regem os comportamentos entre homens e mulheres. Esses parâmetros são construídos ao longo da história e apresentados, inicialmente, pelos adultos a partir do momento em que a criança nasce, sendo posteriormente incorporados e postos em

circulação pelas próprias crianças, nas suas interações, nos demais espaços sociais, incluída a escola.

Na Educação Infantil, em diversos momentos, a discussão sobre gênero emerge, na maioria das vezes, sem a intenção prévia de um trabalho sobre essa temática, sendo ponderado, de acordo com as práticas culturais de um determinado grupo social, o que é para meninos, o que é para meninas, o que é ser menino ou menina.

Desse modo, as questões de gênero podem emergir nas diversas situações no contexto escolar, e as que emergem em um determinado contexto escolar são distintas de outro e, no mesmo contexto, gênero pode emergir de maneiras diferentes, pois as práticas culturais de um determinado grupo social, as quais permeiam as interações estabelecidas no espaço escolar, não estão prontas ou acabadas, mas estão em constante processo de ressignificação.

GÊNERO E A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Compreender gênero como uma construção social, carregado de significados produzidos historicamente, permite afirmar que, dentro de diferentes contextos culturais, por meio das relações estabelecidas, os significados em torno do masculino e do feminino são reproduzidos e também transformados.

Desde que nasce, a criança entra em contato com significados de masculino e de feminino. Nesse sentido, pode-se considerar, segundo Pino (1993), que a criança nasce num universo social-cultural, constituído de produções culturais e de seres humanos, ou seja, um universo significativo e, portanto, cognoscível e comunicável. “A descoberta e apropriação desse universo definem o conteúdo do processo de constituição do ser humano da criança [...]” (op. cit. p. 17).

A apropriação desse universo sociocultural não é direta, mas mediada, o que pressupõe a criação e a utilização de signos, que segundo Smolka (1993), trata-se do processo de significação que “[...] se configura como atividade (produto e produção) humana nos níveis intermental (comunicação, interação social) e intramental (representação, cognição)” (p. 8).

Dessa forma, a significação emerge no processo de interação social. A mesma autora afirma que Bakhtin privilegia “[...] teórica e metodologicamente, as relações dialógicas como lugar de análise e produção de significação” (1993, p. 9). Ao conceber a linguagem como interação e como constitutiva da cognição e do conhecimento, ganha destaque a peculiaridade da palavra que reflete e refrata a realidade histórico-cultural:

Esse modo de conceber a linguagem possibilita circunscrever e articular aspectos diferenciados da dinâmica discursiva como objeto e lugar de investigação: a linguagem como prática social em funcionamento, a enunciação como produção histórica e acontecimento singular. (SMOLKA, 2000, p. 58).

As trocas verbais, como produção e utilização de signos, que se faz pela palavra, e que por sua vez, ganha vida no enunciado, estrutura-se a partir da situação social mais imediata. O enunciado está diretamente vinculado à vida em si e ao meio social mais amplo, que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2002).

O enunciado pressupõe a interação com o outro, isto é, quando se fala, fala-se a alguém. Nesse sentido, o enunciado é produzido tendo em vista a interação entre indivíduos socialmente organizados, de modo que a palavra dirige-se a um interlocutor e varia dependendo a quem ela é direcionada. Por exemplo, se é uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se há diferença hierárquica, se estiver ligada ao locutor por laços mais ou menos estreitos. Além do falante e do interlocutor, o enunciado, ainda, pressupõe um terceiro participante, o "herói": o que ou o quem da fala.

O enunciado concreto sempre une os participantes da situação comum como coparticipantes, os quais compartilham: o horizonte espacial, a unidade visível; o conhecimento e a compreensão comum da situação; e a avaliação comum dessa situação.

A partir desses elementos, é possível afirmar que o enunciado compreende a parte percebida ou realizada em palavras e a parte presumida. Esta última, se faz a partir dos pontos nos quais se está unido, e quanto mais amplo for o horizonte global e seu correspondente grupo social, mais constante se tornam os fatores presumidos.

O enunciado é fundamentalmente social e objetivo, sendo composto da unidade material, por exemplo, um local, ou objeto e da unidade das condições reais de vida que geram uma comunidade de julgamentos de valor presumido, entendido como atos sociais regulares e essenciais. Assim, cada enunciado é um *etimema* social objetivo, como uma "senha" conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social.

Segundo Bakhtin e Voloshinov (1976), sempre que um julgamento básico de valor é verbalizado e justificado, pode-se estar certo de que ele já se tornou duvidoso, deixou de organizar a vida e perdeu conexão com as condições existenciais do grupo. É o julgamento de valor que determina a própria seleção do material verbal e a forma do todo verbal, sendo transmitido pela entonação. A comunhão de julgamentos básicos de valor presumidos constitui a tela sobre a qual a fala humana desenha os contornos da entonação.

Nesse sentido, a entonação expressiva transmite a apreciação social que serve para orientar a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação. Toda enunciação compreende uma orientação apreciativa. Por isso, nesse processo, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação.

A entonação estabelece um elo forte entre o discurso verbal e contexto extraverbal e só pode ser compreendida profundamente quando se está em contato com os julgamentos de valor presumido por um dado grupo social. Tanto quanto a entonação, o gesto, incluindo a mímica como gesticulação facial, se impregna de uma relação forte e viva com o mundo externo e com o meio social, transmitindo também o julgamento de valor.

Partindo desse marco teórico-metodológico, que se buscou, em termos breves delinear e investigar como emergem as questões de gênero em uma sala de aula na Educação Infantil, durante a realização de atividades livres propostas pela professora da turma. Apresenta-se a seguir parte dos resultados obtidos e nossas reflexões sobre os mesmos.

O CONTEXTO E A METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com uma turma de Educação Infantil 4, que atende crianças que completaram quatro anos durante o ano em um Centro Municipal de Educação Infantil, localizado no interior do estado do Paraná. Foram participantes da pesquisa vinte crianças.

A pesquisa de campo foi realizada em quatorze encontros entre os meses de setembro e dezembro de 2011. A cada dia foi observado o cotidiano da turma, sendo feito pela pesquisadora um diário de campo com breves anotações durante as observações, com a finalidade de, ao fim de cada dia, subsidiar a produção de uma descrição das situações ocorridas na sala de aula.

Além do diário de campo, foi feita a gravação dos acontecimentos em sala de aula ou no ambiente escolhido pela professora para a realização das atividades do dia, sendo filmadas e registradas as atividades do referido dia, segundo o planejamento da professora.

Posteriormente, assistiu-se às filmagens com o intuito de produzir um texto que relatasse os acontecimentos do dia para posterior análise, focalizando as situações que envolvessem questões de gênero.

As situações foram descritas buscando relatar as falas das crianças, transcritas em sua integralidade. Foram analisados também os gestos e as

posturas, ou seja, toda a forma de expressão dos participantes envolvidos em sentido amplo.

No contexto em que as falas são analisadas, deve-se considerar que os enunciados estão permeados por julgamentos de valor, gerados pela situação social imediata e transmitidos pela entonação.

Nesse sentido, foi importante perceber a entonação nos enunciados dos participantes da pesquisa, sendo isso possível somente pela inserção da pesquisadora nesse contexto. Além da entonação, o gesto, que também transmite os julgamentos de valor, foi um aspecto relevante para a análise do enunciado.

Nas situações aqui apresentadas, as crianças envolvidas explicitaram verbalmente diferenças de gênero a partir de alguns marcadores externos usados para argumentar em favor da classificação feita em termos de gênero.

Essa preocupação em explicitar critérios para classificar gênero evidenciou-se nos episódios "A boneca", em que três meninos discutiram se uma boneca era menino ou menina; "Nenezinho", em que uma menina disse à pesquisadora que a boneca era uma menina por ter chupeta rosa; e "Urso de pelúcia", em que uma menina disse que o urso era mulher, pois tinha chuquinha.

Nesses episódios, as crianças envolvidas utilizaram como critérios definidores atributos presentes corporalmente e imediatamente visíveis, assim, bonecas e urso de pelúcia foram definidos como meninos ou meninas, a partir das significações que as crianças fizeram de objetos como acessório para cabelos, corte de cabelo e cor, como atributo do objeto.

EPISÓDIO 1: "A BONECA"

Marcos sentou e encostou-se na parede ao lado do espelho. Pegou uma boneca que estava no chão, colocou-a sobre suas pernas que estavam esticadas e começou a brincar, arrumando sua roupa, abrindo e fechando o vestido cor-de-rosa com uma estampa na frente e com um velcro na parte de trás.

Em voz baixa, quase que só mexendo os lábios, ele falava com a boneca. Em um momento, olhou a fralda da boneca, fez cara de bravo, franzindo as sobrancelhas, sussurrou, como se estivesse dando uma bronca. Virou-a de bruços, colocou-a sobre suas pernas e bateu no bumbum dela, três vezes.

Caio, empurrando um carrinho pelo chão, aproximou-se de Marcos, observou o colega, mexeu na fralda da boneca e afastou-se arrastando o carrinho.

Marcos continuou sussurrando, abriu e fechou novamente o vestido da boneca algumas vezes, depois tirou a roupa dela, tirou a chuquinha verde que prendia os cabelos, mexeu nos cabelos da boneca, puxando para cima e o amarrou com a chuquinha novamente.

Alguns minutos depois, Henrique aproximou-se com o carro cor-de-rosa com o qual estava brincando, sentou-se ao lado de Marcos e o ajudou a colocar a roupa na boneca. Marcos segurou a boneca e Henrique colocou o vestido, mas colocaram a parte da frente, com a estampa nas costas. Assim que percebeu, Marcos tirou o vestido e tentou colocá-lo novamente.

Em seguida, Danilo, arrastando uma caminhonete, aproximou-se para ajudar a colocar o vestido na boneca, passando um dos braços pela manga.

Henrique disse: "Tá errado"! Olhando para a pesquisadora, perguntou: "Tá errado ou tá certo"? Antes que a pesquisadora falasse qualquer coisa, Marcos olhou para Henrique e respondeu: "Tá certo".

Danilo pegou a boneca das mãos de Marcos e, enquanto tentava colocar o vestido na boneca, disse: "Aqui é a cabecinha dele, dela".

Marcos, de prontidão, disse com ênfase: "É menino, é menino"!

Pegando a boneca e segurando em seu cabelo, Danilo perguntou: "Por que ela tá com amarrador aqui, oh, por quê"?

Marcos ficou um instante em silêncio, depois afirmou: "É menino".

Então Danilo, ainda tentando colocar o vestido na boneca, perguntou à pesquisadora: "É menino, tia, ou menina"?

A pesquisadora perguntou: "O que vocês acham que é"?

Danilo respondeu: "Menina".

Em seguida, Marcos pegou a boneca, tirou a chuquinha e, puxando o cabelo da boneca para cima, disse: "É menino, ele tá de moicano".

Henrique, pegando a chuquinha da boneca, disse: "Não! Ela tem chuchinha, é muiê".

Marcos disse: "É menino".

E Henrique, tentando colocar a chuquinha no cabelo da boneca, disse: "É muiê".

Marcos irritou-se e gritou: "É menino"! Henrique olhou para a pesquisadora e disse: "É muiê, tia. Mintira, é muiê, usa chuchinha".

Marcos olhou para Henrique e disse: "É nenê". E assim encerrou-se a discussão se era menino ou menina.

Danilo afastou-se com a caminhonete, Henrique e Marcos ainda permaneceram sentados, tentando colocar a roupa e a chuquinha na boneca.

O episódio “A boneca” aconteceu na sala de aula, após o lanche da tarde, quando a professora orientou que as crianças brincassem com os brinquedos da sala e com os que trouxeram de casa. Desse modo, os enunciados das crianças envolvidas nesse episódio foram produzidos no desenvolvimento de uma atividade realizada em sala de aula, com o uso livre de brinquedos escolhidos pelas próprias crianças.

Marcos sentou-se no chão encostado em uma parede e pegou uma boneca que estava no chão. Enquanto Marcos brincava com a boneca, Danilo e Henrique aproximaram-se e Danilo referiu-se à boneca como se fosse uma menina. Marcos disse que era menino, então Danilo argumentou que era menina, pois estava de chuquinha. Henrique reiterou dizendo: “Ela tem chuchinha, é muiê”. Marcos insistiu que era menino.

Para resolver o impasse, Danilo perguntou à pesquisadora se era menino ou menina, a pesquisadora não respondeu e perguntou o que eles achavam que era. Danilo disse que era menina. Marcos, ao se contrapor aos colegas, argumentou que a boneca era um menino, pois tinha cabelo moicano, mas ainda assim, Henrique insistiu que era menina, pois tinha chuquinha no cabelo.

Na situação aqui analisada, o objeto chuquinha e o corte de cabelo “moicano” foram transformados em signos no momento em que o objeto e o corte de cabelo passaram a ser associados ao gênero feminino ou masculino nas interações estabelecidas entre os participantes.

Os significados atribuídos ao objeto chuquinha foram vinculados ao universo feminino, enquanto o corte de cabelo moicano foi relacionado ao masculino. Ambos são construções sociais internalizadas pelas crianças nas relações que estabelecem, nos diferentes contextos como família, escola, além das referências apresentadas pela mídia.

Desse modo, as crianças que relacionaram a chuquinha ao feminino fizeram-no a partir de referências como, por exemplo, a mãe ou a irmã, uma modelo ou uma atriz que usavam chuquinha.

Neste episódio, o objeto boneca foi o centro de uma discussão produzida pelas crianças que se envolveram no diálogo no qual significaram de forma distinta os aspectos que, segundo elas, eram definidores do gênero.

Para refutar Danilo e Henrique, que diziam que a boneca era menina, Marcos pegou a boneca, tirou a chuquinha e, puxando o cabelo da boneca para cima, disse: “É menino, ele tá de moicano”. Para argumentar com os colegas que a

boneca era um menino, Marcos buscou um elemento que, para ele, remeteu ao masculino, o cabelo moicano, corte que ele mesmo usava.

O referido corte de cabelo também era usado por jogadores de futebol, o que, nesse caso, tornou uma referência apresentada pela mídia, vinculando o corte de cabelo moicano ao famoso jogador de futebol, que acabou se tornando referência para outros jogadores que também aderiram ao corte de cabelo, alcançando também outros jovens e crianças.

Ao discutir sobre filmes, como meio de ensinar sobre posições de sujeito, valores, comportamentos e gênero, Souza (2008), ao pontuar sobre a mídia de um modo geral, destaca que televisão, revistas e outros estão implicados na constituição de desejos, sentimentos, comportamentos, pensamentos com os quais nos identificamos.

Nesse sentido, por exemplo, um menino pode presenciar sua mãe amarrando os cabelos de sua irmã com chuquinha, ao passo que o leva ao cabeleireiro para cortar seu cabelo estilo moicano. Acompanhado essas práticas, a mãe pode dizer o quanto a filha fica bonita com os cabelos arramados e o quanto seu filho fica bem com o corte de cabelo de um determinado jogador.

Nesse episódio, os participantes evidenciaram atributos corporais e visíveis, classificando-os como coisa de menino e coisa de menina. A ideia do que a mulher ou o homem pode ou não usar, considerando além do objeto em si, mas também seus aspectos, como cor e forma, é uma construção social e uma prática cultural que começa a ser compartilhada pelas falas e pelas vivências da criança em casa e em outros espaços.

Nesse sentido, Souza (2008, p. 55) esclarece

(...) fala-se das e para as crianças em diversos espaços através: da disposição e das promoções de produtos em supermercados; das roupas e brinquedos em lojas especializadas; além dos espaços organizados, reportagens, anúncios, programas televisivos, livros.

Portanto, no contexto escolar, as crianças compartilharam com seus pares significados sobre masculino e feminino que foram apresentados não só no contexto familiar ou na comunidade em que a criança está inserida, como também em outros espaços.

EPISÓDIO 2: "NENEZINHO"

As crianças estavam brincando com os brinquedos que trouxeram e com os brinquedos do baú da sala. A professora Erica pediu que a pesquisadora

ficasse à vontade, pois ela cortaria uns textos, justificando que não tinha outro dia para fazer isso, por isso iria aproveitar enquanto as crianças estavam com os brinquedos. A professora ficou cortando textos em sua mesa.

Eduarda aproximou-se da pesquisadora, mostrando uma boneca e dizendo: “Ó, que a minha tia me emprestô”. A pesquisadora perguntou do que ela iria brincar e ela respondeu: “Ah, eu vô brinca com essa boneca”.

A pesquisadora reiterou: “Com essa boneca”!

Então Eduarda disse: “Não, é o nenezinho”.

A pesquisadora perguntou: “É o neném”?

Eduarda respondeu com ênfase: “É, é ela”.

A pesquisadora reiterou: “É ela”.

Eduarda disse sorrindo: “É menina”.

A pesquisadora reiterou: “É menina”

Eduarda disse: “É porque é muito nenezinha. Ó tia, a chupetinha dela é cor-de-rosa”.

Nesse momento, Lorena aproximou-se sentada em um carrinho e chamou a pesquisadora para vê-la. Próximos à janela estavam Ricardo, Gustavo, Gabriel, Lorenço e Caio brincando com carrinhos. Sentada em uma pilha de cadeiras, próxima às mesinhas que estavam encostadas no quadro-negro, Mariana brincava com uma Barbie. Andando pela sala, Júlia empurrava um carrinho de bebê com um urso de pelúcia dentro; Daniela caminhava com uma bolsa; Jéssica, sentada sozinha, brincava com uma boneca, assim como Bruna.

O episódio “Nenezinho” aconteceu em sala de aula, enquanto as crianças brincavam com os brinquedos da sala e com os que trouxeram de casa, sendo uma atividade que a professora propôs logo após o lanche. Eduarda escolheu uma boneca para brincar, e assim que a pesquisadora chegou, foi mostrar o brinquedo dizendo que era um “nenezinho” e depois argumentou que era uma menina, justificando que a chupeta que estava na boca da boneca era rosa.

Nesse episódio, o objeto em si, a chupeta, não foi enunciado como um marcador de gênero da boneca, pois o uso da chupeta é feito por meninas e meninos. Eduarda destacou um aspecto visível da chupeta, a cor, como um atributo e foi tomado como indicador de que o brinquedo em questão era uma menina.

Dessa forma, no momento em que o rosa, no enunciado de Eduarda, foi indicado como uma cor de menina, ela estabeleceu a seguinte associação, se a boneca está de chupeta rosa, logo, nesse contexto, ela só poderia ser uma menina.

Nessa situação, a cor rosa, como um signo ideológico, foi tomada como algo que caracterizava a boneca como menina, ou seja, a cor foi relacionada ao feminino.

Essa relação, entretanto, não foi feita de forma aleatória ou arbitrária. Ela é compartilhada pelo grupo social no qual a criança está inserida e que lhe oferece referências relacionando, no caso, determinada cor a determinado gênero.

Tal processo apresenta-se, por exemplo, na confecção de roupas e fabricação de objetos, com determinadas cores, destinados a um gênero ou a outro e que a própria mídia apresenta para cada um dos gêneros, além da disposição desses produtos em lojas.

Ao entrar em uma loja de departamento, o setor de roupas infantis é muito marcado pela cor rosa para o público infantil feminino. O mesmo se observa nas lojas que vendem artigos escolares, como mochilas, estojos, lancheiras, entre outros, sendo a cor rosa também marcante nos produtos destinados às meninas.

Além das referências da mídia, da distinção de cores para cada gênero que é notório nas lojas que oferecem produtos ao público infantil, há também a escolha da cor de roupas ou objetos que a família faz distintamente para meninas e para meninos.

Tais práticas podem ser acompanhadas de enunciados em que os familiares dizem que a menina fica bonita com roupa rosa, que rosa não é cor de menino, ou mesmo as piadas e as chacotas feitas de homens que usam essa cor. Além da referência que os próprios pais, tios, avós e vizinhos apresentam ao usarem determinadas cores e outras não, assim como personagens de desenho animado, por exemplo.

Quanto à distinção de cores segundo gênero e a relação da cor rosa ao feminino, Coulthard e Leeuwen (2004, p.22), ao analisarem brinquedos infantis, pontuam que "a cor pode ser um importante significante de gênero. [...] O modo como os brinquedos são embalados, catalogados e divulgados demonstram a enorme prevalência de 'pink' em brinquedos para meninas".

Nesse sentido, de diferentes maneiras, a cor rosa, como um atributo dos objetos, é apresentada como uma cor de menina, pois quem usa algo rosa, como nesse episódio, uma chupeta rosa, é menina.

EPISÓDIO 3: "URSO DE PELÚCIA"

A professora Erica convidou a turma para pegar brinquedos na "Brinquedoteca", uma sala onde há diversos brinquedos, como: carrinhos, bonecas, panelinhas, carrinhos de boneca, entre outros.

As crianças ficaram sentadas em frente à “Brinquedoteca”, a professora chamou duas crianças por vez para escolherem os brinquedos. Júlia escolheu um cavalo; Jéssica um fogãozinho, Vanessa e Mariana, cada uma, pegou um carrinho de boneca, Eduarda escolheu um carrinho de supermercado, Lorena escolheu um micro-ondas, Daniela, uma geladeira, Caio pegou um carrinho, Danilo uma caminhonete, Gabriel escolheu um caminhão, assim como Gustavo, Vinícius pegou um carrinho, Lourenço também, Lucas uma pista de carrinhos e Henrique também, Cecília escolheu um carrinho, Marcos, assim como Ricardo, um posto de combustível, Amanda pegou uma vassoura e Bruna, uma caixa de ferramentas.

Pelo pátio, algumas crianças brincavam sozinhas, como Vanessa, empurrando o carrinho de bonecas ou a Bruna sentada, mexendo com as ferramentas, havia também alguns grupos como Júlia, Jéssica e Mariana sentadas no chão uma ao lado da outra, brincando com um fogãozinho, ou Lourenço, Gustavo e Vinícius, empurrando os carrinhos como se estivessem disputando uma corrida.

Apontando o dedo indicador para um urso de pelúcia que estava em um carrinho de bonecas ao seu lado, Júlia chamou a pesquisadora dizendo: “Ela é mulher, olha. Ela é mulherzinha”.

A pesquisadora reiterou: “É mulherzinha”.

Júlia, apontando para a chuquinha que prendia as orelhas do urso, disse: “Porque ela tem lacinho”.

O episódio “Urso de pelúcia” aconteceu após o lanche no pátio da escola, momento em que a professora convidou a turma a ir à brinquedoteca para que cada criança escolhesse um brinquedo para brincar no pátio. Júlia escolheu um carrinho de bebê e um urso de pelúcia para brincar.

Na enunciação de Júlia, dirigida à pesquisadora, o lacinho foi destacado como critério definidor do objeto urso em relação ao gênero, quando afirmou: “é mulherzinha”, enquanto apontava para a chuquinha.

Essa associação Júlia internalizou a partir das relações que ela estabeleceu no grupo social do qual faz parte. Nas práticas sociais, os acessórios, como roupas e calçados, são muitas vezes apresentados distintamente para cada gênero e, por vezes, reforçados na mídia, em propagandas, telenovelas, desenhos animados, assim como na disposição desses produtos em lojas, em se pode encontrar um setor feminino e outro masculino com produtos destinados a cada gênero e o mesmo acontece em desfiles de moda.

Conforme aponta Bergamo (2004, p.85),

Quando se observam os desfiles de moda, tem-se um universo dividido em gêneros, masculino e feminino, sendo que alguns estilistas chegam a se especializar ou a serem

reconhecidos através de roupas feitas principalmente para homens ou para mulheres. Além da moda infantil, é claro, esta também dividida em gêneros.

Nesse contexto, a moda, como uma referência, não só nos desfiles, espaços restritos a algumas pessoas, mas em catálogos e revistas, que já atingem um público maior, apresenta à sociedade roupas, calçados e artigos específicos para o público feminino e masculino, marcando assim a distinção de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados desse estudo evidenciaram que as questões de gênero estão bastante presentes na educação infantil, primeira etapa da escolarização. Portanto, ao contrário do que se poderia pensar, essa temática está presente nas relações com os pequenos e não somente com crianças maiores ou adolescentes.

Durante a realização da pesquisa de campo, as questões de gênero emergiram em momentos de brincadeiras, de modo que nenhuma delas aconteceu intencionalmente, ou seja, em um momento previsto, planejado com o intuito de trabalhar o tema. Ao contrário, elas emergiram no desenvolvimento das atividades propostas pela professora da turma e não tinham essa temática prevista.

Os modos pelos quais as crianças expressaram as questões relativas a gênero foram diversificados, envolvendo, além da expressão verbal, entonações, gestos, posturas e atitudes.

Nas situações analisadas, as crianças envolvidas definiram se um sujeito era menino ou menina a partir de um marcador externo, um objeto, corte de cabelo ou cor, argumentando a partir de significações compartilhadas pelo grupo social em que estão inseridas, definindo gênero, segundo atributos presentes corporalmente.

As análises dos episódios mostraram a caracterização de gênero, a partir da significação de marcadores externos e revelaram que as crianças fazem distinção a partir de gênero, definindo o que é socialmente considerado para meninos ou para meninas, compartilhando entre elas essas significações.

As significações que as crianças compartilharam, muitas vezes, são tratadas socialmente como algo natural e até mesmo intrínseco ao masculino ou ao feminino. Esse ponto de vista permeia as relações nos diversos campos sociais, inclusive na escola, onde alunos e professores podem tratar as questões de gênero como pré-sociais.

Nessa perspectiva, que parte da naturalização do gênero, dado a priori como uma essência masculina e feminina, o questionamento, assim como a mudança, não estão previstos, de modo que as questões de gênero são consideradas imutáveis e o que se afasta desses parâmetros pode causar incomodo e estranhamento.

Em contraponto a essa perspectiva, conclui-se com a presente pesquisa que, ao distinguirem o que caracteriza um gênero ou outro, as crianças, dentro do contexto escolar, apresentaram e reiteraram umas para as outras o que internalizaram nos contextos sociais nos quais estão inseridas e no que se refere ao campo social mais amplo. Esse processo de internalização não está pronto ou acabado e se dará ao longo da vida, por meio das relações que forem estabelecidas.

Por serem construídos socialmente, há diversos modos de significar o masculino e o feminino nos diferentes campos sociais. Mesmo dentro de um mesmo contexto, podem emergir de maneiras distintas, pois as práticas culturais de um determinado grupo social, que permeiam as interações estabelecidas no espaço escolar, por não estarem prontas ou acabadas, se encontram em constante processo de ressignificação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV. Discurso na vida, discurso na arte: sobre poética sociológica. Tradução para fins acadêmicos de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. In: **Freudismo**. Trad. I. R. Tiotunik. New York: Academic Press, 1976.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Annablume, 2002.

BERGAMO, Alexandre Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda. **Cadernos Pagu**. n. 22,: p.83-113, 2004.

COULTHARD, Carmen Rosa Caldas; LEEUWEN Theo van. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, 2004, p.11-33

PINO, Angel. Processos de significação e constituição do sujeito **Temas em psicologia**. v.1, n.1, Ribeirão Preto, p. 17-24, abr. 1993.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Construção de conhecimento e produção de sentido: significação e processos dialógicos **Temas em psicologia**. v.1 n.1 Ribeirão

Preto abr. p. 07-15, 1993.

_____. Conhecimento e produção de sentidos na escola: linguagem em foco. In: **Cadernos Cedes**. Ano XX. n. 35, p. 50-61, julho, 2000.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira. Pensando práticas constitutivas do corpo: os filmes infantis, a alimentação,... In: RIBEIRO, Paula Regina Costa et al. (Org.). **Educação e sexualidade**: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceito, homofobia... Rio Grande: Editora da FURG, 2008. p. 51-66.